

## Conversão: significados

Antonio Manzatto<sup>1</sup>

### Resumo

A palavra “conversão” aparece com destaque no Documento de Aparecida, ligada à proposta de renovação pastoral em decidido comportamento missionário. Contudo, nem sempre se atenta ao alcance que tal palavra possui em teologia, para além da moral ou de estratégias pastorais. A hermenêutica da palavra “conversão” pode fazer alcançar significados que, se não estão explícitos em um primeiro momento, são profundamente renovadores do modo de ser eclesial assim como de sua maneira de posicionar-se na sociedade.

**Palavras chave:** conversão, metanoia, mudança, missão.

### Abstract

The word “conversion” appears prominently in the Document of Aparecida, attached to the proposal for a pastoral renewal by a decisively missionary behavior. However, not always we are attentive to the extent that this word has in theology, beyond the moral or pastoral strategies. Hermeneutics of the word “conversion” can achieve meaning that, if they are not explicit at first, are deeply renovators of being ecclesial mode as well as its way to position itself in society.

**Keywords:** conversion, metanoia, change, mission.

É curioso como certas palavras não se acrescentam ao nosso conhecimento. Não as estudamos porque não as escutamos. Uma destas palavras é *conversão*. Sabemos o que quer dizer e não nos preocupamos mais em entendê-la ou acrescentar significados. Ela nos fala assim, e pronto. Já não a ouvimos em sua variação de tonalidades, intensidades, em sua gama múltipla de significados abertos. Como a torneira, que a gente já sabe o que é e para que serve, não há mais nada a acrescentar a não ser, talvez, seu desenho.

Quando falamos em *conversão*, sempre lhe atribuímos dois significados. Um vem do trânsito, que fala de conversão como mudança de rota: conversão à direita, à esquerda,

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina (Bélgica), professor titular de teologia sistemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, presbítero da Arquidiocese de São Paulo.

conversão proibida, enfim, é sempre mudança de rumo. Outro significado vem do segmento religioso e indica uma mudança de religião, como quem se converte ao catolicismo, ou uma mudança dentro da religião, como quem se converte e deixa de ser pecador. Também aqui é uma espécie de mudança de rumo, então, por analogia, uma mudança de comportamento. E temos a compreensão do que seja *conversão*: uma mudança. Pronto, não avançamos mais, recusamo-nos a ouvir para além disso e, inclusive, não raro recusamo-nos a pensar em desdobramentos possíveis, tanto no significado quanto no ato.

1. Sim, a palavra grega por trás do significado de *conversão* é *metanoia*, termo usado para indicar a mudança. Estamos diante de uma palavra dos evangelhos que pode, sim, ser uma palavra do Evangelho. Composta por duas raízes, *meta*, que pode indicar transformação, e *nous*, que indica conhecimento, intelecto. Daí normalmente se perceber a palavra como indicando uma mudança de mente, mudança de conhecimento, de mentalidade, de forma de pensar<sup>2</sup>. Aqui temos uma conotação evangélica bastante interessante, ainda que a pesquisa bíblica do termo deva ser feita, o que não é nosso propósito aqui.

Metanoia significa pensar diferente. Mudar as referências do pensamento, base para a ação. Daí seu significado tradicional como “voltar o coração para Deus”<sup>3</sup>, como sendo pensar de outra forma, o que vai ocasionar novo comportamento. Mas a ênfase não se coloca no fazer coisa diferente, mas sim na mudança de forma de pensar. Agora é para pensar segundo os critérios de Deus, isso o que significa *conversão*. Mas é importante não cair em moralização barata que privilegia simplesmente o comportamento defendido pelo status quo, mesmo que seja ele o religioso, estabelecendo virtudes a serem vividas pelo convertido. Se for assim, se sai de um comportamento problemático para entrar em outro já definido e que não exige mudança de mentalidade, apenas de estratégia.

Partamos da pregação de Jesus que anuncia a chegada do Reino de Deus e pede que a *metanoia* seja a perspectiva de quem aceita e confia que isso seja uma boa notícia (Mc 1,15). A interpretação tradicional vê o convite à *metanoia* como uma forma de merecer

---

<sup>2</sup> Veja-se José Luiz Gonzaga do PRADO, “Paróquia, rede de comunidades – a conversão pastoral”, *Vida Pastoral*, 01/2014. Disponível em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/parouquia-rede-de-comunidades-a-conversao-pastoral/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

<sup>3</sup> Assim em *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola / Paulus, 2003.

participar do Reino de Deus e, neste sentido, a pregação de Jesus não teria muita distância da pregação do Batista, ambas acontecendo em ambiente dominado pela apocalíptica. Já disse que não quero fazer aqui exegese bíblica, mas me parece que o *converter-se* está junto com o “acreditem na boa-notícia”, e não seria “convertam-se para participar do Reino”. Pode ser apenas uma nuance, mas ela não é sem sentido se tomamos a compreensão de que *metanoia* refere-se a uma mudança de mentalidade. Com efeito, há que pensar diferente para compreender o Reino de Deus como boa-notícia.

Lucas dá mais cores à compreensão dessa boa-notícia quando a liga aos *ptochois*, aos pobres e indigentes. Na verdade, há que haver uma verdadeira *metanoia*, mudança de mentalidade e conhecimento, para confiar que o Reino, a *Basileia*, é para os *ptochois*, e que isso é *evangelion*. O Reino é para os pobres, e esta é a boa notícia. Para quem achava que o Reino não viria, para quem achava que ele seria só para Israel, para quem achava que ele seria apenas para os bons e os justos, para todos estes Jesus vem pedir uma mudança de mente e afirmar que o Reino é para os pobres. Claro que Israel, os justos, todos, podem participar deste Reino como pobres e em aliança com eles, não de outra forma. A mudança de mentalidade é fundamental aqui se quisermos entender a realidade da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus. Verdadeira *metanoia*.

Podemos perceber desta forma o que significa mudar a mente para pensar como Deus pensa e age. Nossos esquemas tradicionais de poder, de centralização, de definição ou controle da verdade não dão conta de caracterizar o projeto de Deus consumado no Reino que ele inaugura em Jesus. O Reino é inaugurado como “vida nova”, tanto em seus sinais figurativos, os chamados milagres, como em sua explicitação na Ressurreição de Jesus ou em sua historicização na Igreja apostólica, aquela que nos deixou como herança dois sinais fundamentais, batismo e eucaristia, e uma realidade de vida, a comunidade crente, que indicam, exatamente, a perspectiva da vida nova a que aludimos e que vem da Páscoa.

Será importante cultivarmos a *metanoia* não apenas para pensar a realidade do Reino de Deus, mas para pensar toda nossa vida, e nossa vida de fé, a partir desta realidade que foi o centro da vida de Jesus. Ele a viveu em total dedicação a anunciar e construir o Reino e torná-lo presente no mundo. Para isso viveu e por isso morreu e ressuscitou. O Reino é que faz a relação existencial entre o Jesus pré-pascal e o Cristo pós-pascal. Se o

Reino de Deus não é o centro de nossa vida, então não a vivemos como discípulos de Jesus, porque o discípulo aprende com seu mestre como viver. Nossos referenciais precisam mudar, nossa forma de pensar precisa ser outra para que efetivamente o Reino seja o centro de nossa vida como o foi para Jesus, e nisso está a importância da *metanoia*.

A teologia latino-americana coloca este aspecto em evidência quando diz do seguimento de Jesus. Jon Sobrino<sup>4</sup> sistematiza este pensamento de maneira paradigmática, de tal forma que podemos pensar em seguimento quando falamos de discipulado. Afinal, discípulo é quem segue o mestre. Precisemos que o seguimento é distinto da imitação porque não repete comportamentos, mas significados. É preciso re-situar Jesus em seu contexto para que suas ações possam ter sentido e, então, o que repetiremos como discípulos não são exatamente as ações, mas o sentido que tiveram em seu contexto, para que suscitem transformação no nosso contexto. Parece-me que esta forma de compreender o seguimento é fundamental, assim como a referência à *metanoia* é capital para se perceber o alcance do que falamos quando dizemos *conversão*.

2. Para nós, porque mais próxima de nosso idioma, *convertio* é a palavra latina que foi traduzida como *conversão*. Curiosamente, não é ela a tradução constante de *metanoia*. Às vezes ela traduz o grego *strephe*, como em Mt 18,3, e por isso às vezes *metanoia* é traduzida por penitência ou arrependimento. Percebemos porque, na compreensão tradicional, *conversão* é mais facilmente entendida de maneira espiritualizada.

*Convertio* indica, sim, uma mudança de direção, uma mudança de rumo e, por isso, corresponderia à mudança de mentalidade da palavra *metanoia*. É realmente muito simples fazer a passagem do sentido físico e literal para um sentido moral que não está distante. Trata-se de mudar o comportamento, fazer com que a vida tenha outro referencial, outro rumo, seja vivida em outra direção. E completamos rapidamente: em direção ao Reino de Deus. Este sentido também está, sim, contido na palavra *conversão*, não podemos desprezá-lo. Ainda com outro detalhe, que é o entendimento de ser uma volta ao ponto inicial, um dar a volta para retomar o início<sup>5</sup>. Assim com a raiz *strephe* na origem do sentido de

---

<sup>4</sup> Por exemplo, Jon SOBRINO, “Seguimento de Jesus”, p. 772. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO, J. J.(orgs), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, Paulus, 1999, pp. 771-775.

<sup>5</sup> Assim Jean-Yves LACOSTE, *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004; também João Décio PASSOS, “Conversão pastoral: desafios de renovação da Igreja”, *Vida Pastoral*, 2015. Disponível

*conversão*. A mudança de rumo não seria em direção ao passado simplesmente, mas em direção ao ponto inicial, uma espécie de volta às origens.

Não restam dúvidas de que há elementos significativos para pensarmos a conversão como uma volta às origens, uma volta às fontes como se diria na terminologia do Vaticano II. Seria algo como voltar à pregação de Jesus de Nazaré, ponto inicial de nossa referência de fé, e teríamos novamente em destaque a questão do Reino de Deus e sua realização em benefício dos pobres. Poderíamos também ver o ponto inicial como aquele da vida da Igreja apostólica e sua maneira de se entender no mundo. Porque a Igreja dos apóstolos não se via como fim em si mesma, mas como ambiente comunitário e fraterno que mudava o mundo e, por isso, precisava espalhar-se. Afinal, este é o comportamento próprio do Reino de Deus, o de vida fraterna em comunidade, e neste sentido os primeiros cristãos entendiam-se fiéis ao ensinamento e ao mandato de Jesus. Sua missão era espalhar comunidades e, assim, fazer crescer o Reino de Deus enquanto esperavam sua plenificação. Também podemos entender a volta ao início como uma volta à graça batismal em termos, também, de purificação e libertação do pecado. Mas como o batismo foi o ato que iniciou nossa caminhada na fé e nos inseriu na comunidade, voltar ao ponto inicial pode ser redescobrir as razões que nos fizeram optar pela fé e, por isso, nos re-situar naquela sua dinâmica inicial.

A derivação de significados a partir do trânsito não é sem interesse aqui. Sempre que estamos perdidos precisamos voltar a um ponto inicial do mapa para nos encontrarmos e podermos seguir em frente. Não é diferente com nosso comportamento cristão, sobretudo quando nos perguntamos sobre tantas coisas das quais não temos respostas, ou então as respostas que encontramos não convencem: porque estamos perdendo fiéis, porque as pessoas não se preocupam com a Igreja ou com a religião, porque a Igreja se afasta do território público, e assim por diante. Bem, se nos encontramos sem respostas, não é má ideia voltar ao ponto inicial, não para permanecer ali, mas para poder se reencontrar e seguir em frente. Não basta voltar a um ponto conhecido, mas sim voltar ao ponto inicial, porque dali poderemos seguir adiante, talvez até por caminhos diferentes.

---

em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/conversao-pastoral-desafios-de-renovacao-da-igreja/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

Outra palavra de origem latina, *penitência*, entra também pela porta da *metanoia*. Quando algumas versões da Bíblia enfatizam que é preciso converter-se e fazer penitência e exortam ao arrependimento, não temos nenhuma dúvida de a que estas palavras se referem e o que é necessário que façamos em nossa vida cristã<sup>6</sup>. Afinal, penitência tem a ver com a superação do pecado, e muitos inclusive a entendem como forma de pagar os pecados. Será preciso voltar ao contexto medieval para perceber a amplitude da questão.

Efetivamente, na Idade Média o tema teológico de recorrência era o pecado, como o demonstram os textos, mas, sobretudo, a prática penitencial da Igreja naquele período. Em ambiente onde todos são cristãos, o problema principal será o daqueles que tentarão, de diversas maneiras, romper a ordem estabelecida. O pecado passou a representar esta situação, entendido então como ruptura da ordem estabelecida. Passa-se, conseqüentemente, a incentivar maneiras de superar o pecado para o restabelecimento da ordem. É assim na teologia que privilegia o jurídico e a soteriologia entendida como justificação ou satisfação, e também na prática eclesial que privilegia a penitência<sup>7</sup>.

Em foco está a prática da reparação das ofensas que deve ser feita através de certo castigo que recupere, pela justificação, a inocência do pecador. Na prática tivemos a compreensão de que quanto maior o castigo, maior o número de pecados justificados. Grandes pecadores precisavam de grandes castigos, portanto. O castigo de Jesus, porque vítima inocente, restituía a inocência a todo o gênero humano, já que ele era Deus e seu sacrifício seria infinito, reparando a ofensa infinita feita a Deus pelo pecado. Não é diferente disso a teologia de Santo Anselmo, cujas influências percebemos até hoje na liturgia, na religiosidade popular e mesmo no desenvolvimento do trabalho teológico em vários setores eclesiais.

3. Por isso, ao menos na compreensão popular, a conversão foi aproximada da penitência. A demonstração de que há conversão é a penitência realizada e esta, por sua vez, como que possibilita aquela. Tudo corre no terreno da moral, e a conversão passa a ser vista como certa exigência de moralidade em caminho de santidade. Há certa radicalidade presente na conversão, sempre demandada porque sempre a vida humana se depara com situações onde o pecado impera. Como santidade é entendida, popularmente, como

---

<sup>6</sup> Ermanno ANCILLI, *Dicionário de Espiritualidade – vol. 1*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2012.

<sup>7</sup> Benedito FERRARO, *Cristologia*, Petrópolis: Vozes, 2004.

ausência de pecado, então a conversão é exigida para início ou retomada do caminho de santidade. Para o que nos ocupa, é bem verdade que este sentido da palavra não precisa ser afastado dos outros aos quais aludimos. Mas não seria bom que ele assumisse toda a semântica da *conversão*, possibilitando que aqueles outros significados também transpareçam em sua compreensão mais ampla.

É curioso perceber como, por este caminho, a conversão sempre está relacionada a pecado. Exige-se conversão lá onde habita o pecado, sendo a primeira exigência o abandono da situação de pecado. A relação é tão grande que o sacramento da reconciliação, também chamado de sacramento da penitência, não é conferido àqueles que “não se convertem”, que não abandonam a situação ou a vida de pecado. Não é esta a razão apontada para que não se permita, em determinadas situações familiares, a participação naquele sacramento?

A lógica é exigente. Se há pecado e então se exige a conversão, quando o Documento de Aparecida insiste na “conversão pastoral” é porque enxerga, na forma do exercício da ação pastoral da Igreja, pecado? Parece que a pergunta não é sem sentido. Afinal, sem desconhecer os méritos de trabalhos pastorais efetuados ou em desenvolvimento, Aparecida conclama a uma conversão da “pastoral de manutenção” para uma ação “decididamente missionária”. Ora, podemos juntar os significados apontados na palavra conversão para estendermos um pouco mais a perspectiva de Aparecida sobre a ação missionária da Igreja.

Sim, é preciso voltar à dinâmica inicial do cristianismo que não hesitou diante da necessidade da missão. A retomada missionária de Aparecida seria, então, uma volta ao ponto inicial, à dinâmica missionária das primeiras comunidades e por isso se usa a expressão “discipulado”, em clara referência aos “discípulos de Jesus” que, no hoje da história, são os membros da Igreja. Parece-me, na mesma linha de raciocínio, que é a mentalidade eclesial, e não apenas suas práticas, que carece de transformação. Com certeza é necessário mudar de mentalidade para que a ação pastoral passe a ser compreendida como ação missionária. Missão não será simples dimensão da vida eclesial, mas sua própria natureza. O paradigma missionário de Aparecida não vê a missão como conquista de fiéis para a Igreja, mas sim como proclamação da boa-notícia da dignidade humana. Menos

preocupada em encher a Igreja de adeptos e mais preocupada em fazer com que os valores evangélicos penetrem a estrutura da sociedade e a fermentem para que ela não se edifique a partir de outros valores que não aqueles fundamentados no Evangelho de Jesus.

Por isso seu centro referencial é a perspectiva de Reino de Deus. Não admira que, anos mais tarde, o cardeal Jorge Mario Bergoglio, um dos principais redatores do Documento de Aparecida, tornado Papa Francisco, escreva na *Evangelii Gaudium* que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). O desvio de significado não é pequeno: não se trata mais de apenas anunciar o Reino de Deus, mas de fazê-lo presente porque, afinal, ele está instaurado definitivamente no mundo pela Ressurreição de Jesus Cristo. Por isso ele não pode ser, simplesmente, identificado com o céu ou com uma grandeza meramente espiritual. Ele é histórico porque senão aquele Jesus que o anunciou próximo não teria sido verdadeiro neste anúncio, e não poderia ser chamado de Messias. Mas Jesus não apenas não errou ao dizê-lo próximo como também o realizou, confirmando sua função messiânica. Há que ser consequente e enxergar que o Reino já está presente neste mundo e esparramá-lo e fazê-lo crescer é a verdadeira missão da Igreja.

4. Aliás, Francisco tem radicalizado o discurso missionário propondo atualmente um novo paradigma para pensar a própria natureza da Igreja. Entende ele que a Igreja é missionária em uma perspectiva de saída. Embora o paradigma anterior já tenha ultrapassado a ideia de missão como edificação da Igreja e a compreenda como fermentação da sociedade com os valores do evangelho, em discipulado e, neste sentido, também como construção da comunidade e anúncio da chegada do Reino de Deus, agora o novo paradigma se refere a uma igreja que se faz no mundo, em serviço à humanidade a partir dos mais pobres e sofredores. Há certa passagem da mentalidade de Igreja missionária para outra mentalidade, a de igreja em saída (EG 20-23).

Trata-se da Igreja que só acontece em ação de saída de si mesma para encontrar-se com as realidades do mundo, convencida de que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). O Papa Francisco, sem dúvida, encontra no Concílio Vaticano II a inspiração para suas ações e para sua pregação endereçada à Igreja de Jesus Cristo e a toda a humanidade.



Há aqui ponto importante. A veracidade da Igreja, como que sua verificabilidade, se encontra em sua capacidade de serviço aos pobres e sofredores. A própria natureza da Igreja passa a ser aquela anunciada pelo Concílio, uma Igreja servidora do mundo, sem auto-referência. O Papa Francisco tem uma consciência eclesiológica bastante desenvolvida e evoluída ao propor uma Igreja pobre e dos pobres. Não é sem sentido, então, fazer notar que, como vivenciamos recentemente, o encontro entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente só pode se dar junto aos pobres, porque é lá o lugar da Igreja de Cristo, uma vez que foi o lugar onde Jesus preferiu viver sua existência.

A conversão assume características radicais de mudança de mentalidade quando se imagina o esforço a ser feito, inclusive penitencial, para passar da auto-referencialidade eclesial a uma consciência aberta de Igreja em saída. Não é à toa que Francisco tem sido compreendido e admirado fora dos muros eclesiais, enquanto intra-muros ele é criticado, boicotado e evitado. Não é fácil mudar de mentalidade, a narrativa do jovem rico (Mt 19, 16-23) já bem o demonstrava.

5. O Documento de Aparecida já tem quase dez anos. Em outros tempos, seria o momento de ir preparando nova Assembleia Geral do Celam. Em outros tempos. Hoje não, até porque se tem claro que não traria nada de novo à vida eclesial. Afinal, instigada a tornar-se missionária por definição, a Igreja marca passo, ensaia, se prepara, discute, mas não realiza aquilo que poderia ser feito. Em suas visitas à América Latina, o Papa latino-americano tem constantemente criticado o episcopado por seu marasmo, por sua falta de iniciativa e de criatividade<sup>8</sup>. O Papa da tradição teológica latino-americana não vê a Igreja latino-americana em seu compasso, não a percebe seguindo suas convocações, não a vê em saída. E pensar que há tempos éramos exatamente assim, e nos foi exigido que fôssemos diferentes.

É verdade que, logo depois de Aparecida, muito se falou em missão. Houve até o projeto de “missão continental”, que esbarrou em diversas dificuldades e até hoje ainda não trouxe frutos de conversão para a Igreja. Aqui no Brasil, há pouco, vivemos, no eco de

---

<sup>8</sup> Por exemplo, Discurso do Papa Francisco aos dirigentes do Celam, de 28 de julho de 2013, disponível em <<http://papa.cancaonova.com/discurso-do-papa-francisco-aos-dirigentes-do-celam>>, acesso em 06 de maio de 2016; ainda Discurso do Papa aos bispos mexicanos, de 13 de fevereiro de 2016, disponível em <[http://br.radiovaticana.va/news/2016/02/13/%C3%ADntegra\\_discurso\\_do\\_papa\\_aos\\_bispos\\_mexicanos/1208390](http://br.radiovaticana.va/news/2016/02/13/%C3%ADntegra_discurso_do_papa_aos_bispos_mexicanos/1208390)>, acesso em 06 de maio de 2016.

Aparecida, um momento de discussão sobre a paróquia como “comunidade de comunidades”, mas sua estrutura não foi renovada em sua essência, salvo em alguns lugares bem determinados. Muitos dos bispos latino-americanos ainda preferem entender a convocação de Aparecida como um incentivo à “missão permanente” da Igreja, traduzindo assim aquele pedido para que estivesse em permanente estado de missão. A diferença é exatamente esta: se prefere a pastoral de manutenção a uma pastoral em saída.

Muitas razões são aventadas para explicar o que acontece, desde a psicologia que fala de medo e busca de seguranças, até críticas ao modelo de formação clerical, à forma de nomeação dos bispos ou a perspectivas ultrapassadas de espiritualidade. Fato é que a Igreja latino-americana não tem se colocado em estado permanente de missão e menos ainda em saída ao encontro das periferias geográficas e existenciais. O processo de conversão ainda não terminou, se é que começou. Dominados que estamos por movimentos eclesiais frutos da sociedade individualista onde vivemos, habituamo-nos a pensar o cristianismo em perspectivas individuais, incluindo aí os caminhos de santidade. A dimensão coletiva do Reino de Deus nos incomoda, para dizer o mínimo.

Mudança de mentalidade, volta ao ponto de partida, transformação dos comportamentos para superação do pecado, incluindo o pecado coletivo e o estrutural, esse o processo de conversão eclesial que ainda é preciso ser vivido. É isso que significa conversão. Retomar a perspectiva do Reino de Deus e compreendê-lo, assim como a Igreja, a partir da opção preferencial pelos pobres é a convocação que nos é feita pelo Papa Francisco, e isso é terreno por onde já caminhamos, nós mesmos já abrimos trilhas nestas paragens, nós mesmos as apresentamos aos irmãos e irmãs de outras regiões, e porque não somos capazes de reencontrar este Espírito, porque continuamos dominados por posições outras? Eis a pertinência ao se falar de *conversão*.

O ano da misericórdia parece propício para a conversão. Muito se falou já, sobretudo no período de quaresma, da necessidade de conversão, penitência e reconciliação. Muito falamos no tempo pascal de voltarmos à graça batismal. Talvez seja o momento efetivo para experimentar a conversão. É espantoso como em muitos lugares o Ano Santo da Misericórdia permanece ritualizado em portas, peregrinações e indulgências, e não produz no ânimo dos cristãos aquilo para o que foi proclamado: a ida ao encontro dos

que sofrem, dos famintos, dos sedentos, dos necessitados de todos os tipos e lugares. Compreendamos a conversão da maneira que for, ainda resta vivê-la. Para isso somos chamados. Melhor ainda se a compreendermos em sentido amplo e inclusivo: como mudança de mentalidade para pensarmos segundo os critérios do Deus que privilegia os pobres; como retomada do ponto inicial para que o caminho seja refeito; como prática da superação do pecado da pasmaceira, do conformismo e do bem-estar. E que com isso consigamos ser uma igreja em saída, convertida e *semper reformanda*.

### Referências Bibliográficas

*Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola / Paulus, 2003

Ermanno ANCILLI, *Dicionário de Espiritualidade – vol. 1*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2012.

Jean-Yves LACOSTE, *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004;

João Décio PASSOS, “Conversão pastoral: desafios de renovação da Igreja”, *Vida Pastoral*, 2015. Disponível em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/conversao-pastoral-desafios-de-renovacao-da-igreja/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

Jon SOBRINO, “Seguimento de Jesus”, p. 772. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO, J. J.(orgs), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, Paulus, 1999, pp. 771-775.

José Luiz Gonzaga do PRADO, “Paróquia, rede de comunidades – a conversão pastoral”, *Vida Pastoral*, 01/2014. Disponível em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/parouquia-rede-de-comunidades-a-conversao-pastoral/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.